



AUTORRETRATO

UM ESPETÁCULO IMERSIVO SOBRE O EU DE TODOS NÓS



por Felipe Hirsch





AUTORRETRATO É UM MERGULHO EM NÓS MESMOS.

Um chamado para ver nossos reflexos por outros olhos e em outros olhos, assim como o espírito de Amsterdam se vê refletido em São Paulo neste espetáculo.

Amstel convida você a imergir em um coletivo para reconhecer a potência de sua singularidade.

A apresentar para o mundo um autorretrato que traduz a verdade que você vê no espelho.

Descubra todos os seus reflexos em Autorretrato.

E não se esqueça de convidá-los para tomar uma Amstel depois.

AMSTEL[®]

O ESPÍRITO DE AMSTERDAM PELA ÓPTICA DE FELIPE HIRSCH

Uma experiência imersiva, uma nova ronda noturna. Um autorretrato expande a ideia de singularidade. Somos todos sem igual, fundamentais.

Rembrandt se autorrepresentou quase uma centena de vezes. Um autorretrato é um instantâneo do momento e não escapa à ideia de reflexão (toda luz reflete, toda reflexão ilumina) e, por isso mesmo, uma tomada de consciência de nossa singularidade.

Eu sou o que sou. Você é o que é.

As *selfies* são outros nós, se afasta da noção do autorretrato (*self-portrait*) por adquirir características menos comprometidas com a autorreflexão e mais engajadas com a construção da imagem e seu compartilhamento. Uma espécie de autobiografia ficcional, em que o autor é, ao mesmo tempo, a personagem e o narrador.

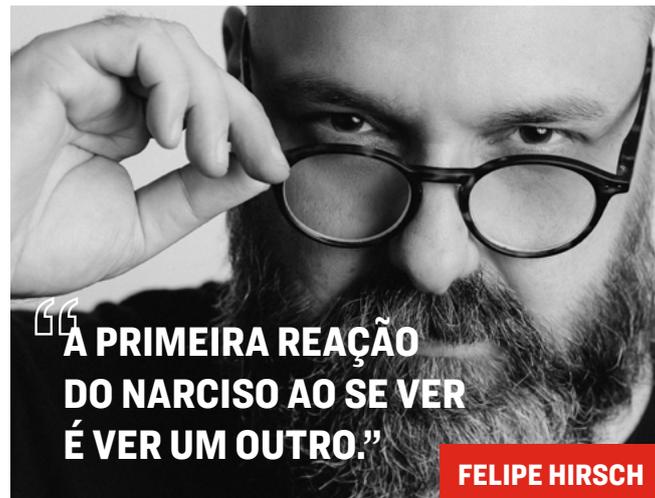
Eu sou o que desejo ser. Você é o que deseja ser.

Isto não significa que um autorretrato seja por regra

a materialização da verdade. Tampouco a selfie seja apenas uma simulação. Ambos refletem uma jornada pelo autoconhecimento.

Mas, também, como Narciso que se apaixona pela imagem que, sendo sua, ele vê como de outro. O mito nos faz pensar se o que causou o fim de Narciso foi se conhecer ou não ter mergulhado fundo o suficiente por ter se encantado apenas pela superfície do lago.

Felipe Hirsch sempre imaginou um espaço coletivo para essas singularidades atuarem.



Hoje, nos abrigamos no mimético mundo das performances, dispostas a provocar a curiosidade e o deleite do público sedento por experiências únicas. Um novo cabaré impõe sua liberdade para que os gêneros se invadam: artistas se revezam em números que tangenciam as artes plásticas, a música, o teatro, a literatura, o manifesto, o humor, a *avant-garde*, a dança; e a plateia presencia esse espetáculo imersa em um ambiente intensamente sensorial.

(sensório, envolvente)

O lugar ideal para sediar o espírito impermanente e singular das manifestações artísticas contemporâneas. Em São Paulo, e sua efervescência, onde circulam pessoas das mais variadas culturas, uma ampla audição selecionou os artistas, *sui generis*, desse transcurso.

Autorretrato é uma nova ronda noturna.

De noite eu rondo a cidade a ME procurar.

Toda visita ao Rijksmuseum, de Amsterdam, culmina com na contemplação da Ronda Noturna, a mais famosa tela de Rembrandt. Quem seria a menina? Por que ela estaria ali?

Não estamos na Amsterdam de 1642. Mas num mundo em que São Paulo e Amsterdam estão mais próximos do que nunca. Em que você pode entrar na tela de Rembrandt pela sua tela. E você pode também abrir os olhos, os ouvidos e entregar todos os sentidos à experiência deste singular e múltiplo.

Autorretrato: coletivo, individualíssimo, assistemático, único.

Basta olhar em volta, EU e outros NÓS.





GUILHERME GONTIJO FLORES

Narciso

Tudo indica que o mito de Narciso não era dos mais famosos no mundo antigo, entre gregos e romanos, e por isso temos até hoje poucas variantes da história. A mais conhecida é a de Ovídio, contada no Livro III das suas Metamorfoses.

Nessa versão, Narciso era filho do deus-río Cefiso e da ninfa Liríope, que ele tinha estuprado. Dizem que, poucos dias antes do seu nascimento, o célebre adivinho cego Tirésias teria profetizado que o bebê só teria vida longa se jamais se conhecesse; uma frase oracular ambígua e, como sempre, também cheia de verdade. Como toda criança na Beócia, Narciso cresceu tranquilo até fazer dezesseis anos, sem saber de muita coisa do passado, e com o tempo foi se transformando numa figura tão linda que atiçava amor e desejo nos homens e nas mulheres que o viam. Porém, orgulhoso de si, recusava todas as propostas e nunca se deixava seduzir por ninguém. Até mesmo algumas ninfas se apaixonaram por ele, e entre elas estava Eco.

Uma pausa para Eco, que tinha sua própria história, antes de ver Narciso. Ainda segundo Ovídio, Júpiter aproveitara o dom da falação dessa ninfa para que ela ficasse distraído com conversa fiada a sua esposa, Juno, enquanto ele cometia mais um dos seus famosos adultérios. Só que, certa feita, depois do longo lero-lero, Juno descobriu a malandragem e, sem punir o marido, condenou a jovem a repetir para sempre as últimas palavras dos outros falantes, sem nunca mais conseguir dizer ela própria uma frase nova. Foi nesse estado que ela viu Narciso, que a desprezou por completo. Como essa paixão era uma doença violenta, Eco começou a definhar de tristeza, até sobram dela apenas a voz e os ossos, que acabaram se tornando pedras: e assim ela se tornou o eco incorpóreo que conhecemos em regiões ermas.

Bom, voltemos a Narciso. Uma das pessoas desprezadas por aquele lindo jovem arrogante invocou a intervenção de Ramnúsia, a deusa da vingança, que consentiu com o pedido e condenou Narciso finalmente a se conhecer, quando visse seu reflexo na lagoa de Eco. Ali, ao se sentar para beber nas águas cristalinas como um espelho, ele acabou vendo seu próprio rosto. Encantado pela beleza, ele

enfim se apaixonou, sem saber que a imagem do outro lado era sua e de mais ninguém. É assombroso: quando ele mostra afeto, vê o afeto no outro rosto; quando hesita, o outro hesita; quando sorri, o outro sorri; quando chora, o outro chora; mas quando toca a água, esse rosto escapa como que a desprezar o seu amor. Fascinado por essa imagem de si, que pouco a pouco ele ia compreendendo, mas sem poder realizar seu desejo, Narciso delirou à margem da lagoa, até que, ao ver que, se saísse dali, nunca mais veria o rosto amado, optou pela morte, indo foi se contemplar eternamente nas águas do Estige, um dos rios que cerca o mundo dos mortos dos gregos antigos. Depois da morte, com a série de lamentos das ninfas, ressoados por Eco, seu corpo foi transformado numa flor, o narciso que todos nós conhecemos.



ECOS

Vivemos num tempo obcecado por imagens e somos, além disso, criaturas desse mesmo tempo, obceçadas, por extensão, com a nossa própria imagem. Vivemos discursivamente presos em

espirais cada vez mais apertadas, tecidas pelas nossas expectativas quanto ao que os outros podem pensar de nós. Vivemos, socialmente, uma cultura em que, graças ao poder das redes sociais, a opinião dos outros sobre nós pode de fato mudar a nossa vida, de uma hora para outra, com cancelamentos ou *hypes* desproporcionados.

Poucas coisas ilustram melhor essa nossa fixação do que o culto contemporâneo da *selfie*. Nunca houve tantas imagens de cada ser humano circulando no mundo. Somos certamente a geração mais bem representada fisicamente (ou no mínimo a MAIS representada) de toda a história da humanidade. Em momentos anteriores, nosso fascínio com nosso próprio rosto podia redundar em longas horas passadas diante do

espelho, quando havia algum espelho disponível. Mas nós não registrávamos esses momentos. E não os distribuíamos a amigos e desconhecidos. É claro, contudo, que essa cultura também tem raízes mais antigas. A representação da imagem do eu tem uma longa história na trajetória da arte. Algumas das primeiras imagens produzidas por ancestrais dos seres humanos modernos, por exemplo, são impressões de mãos em paredes de cavernas, produzidas quando alguém soprava um pigmento sobre a pedra, deixando um negativo de sua mão gravado para o futuro: uma assinatura.

As artes sumérias, egípcias, gregas, maias, astecas etc. desenvolveram caminhos formalmente incríveis para representar o rosto e o corpo humanos, entre animais, plantas e deuses; mas em todos esses lugares o autorretrato parece ter ficado de lado. A imagem era sempre dos outros, para os outros; e o artista, um contratado que muitas vezes não assinava a obra nem com o seu nome, muito menos com seu rosto.

Por outro lado, os pintores medievais e renascentistas aproveitavam cada pequena oportunidade para registrar seu rosto (e o de outros conhecidos)

no fundo do retrato de uma poderosa autoridade (pagante) ou de uma cena bíblica. Quem pode esquecer, por exemplo, a minúscula figura de Jan van Eyck que aparece refletida num espelho esférico bem no fundo de seu magnífico retrato do casal Arnolfini?

Curiosamente, esse mesmo pintor holandês pode ter sido o primeiro a dar o passo seguinte, saindo do pano de fundo, escapando dessas representações como que marotas, escondidas, e se transformando em personagem real de sua pintura, criando, no quadro conhecido como Retrato de um homem com turbante (1433), aquele que pode muito bem ser o primeiro autorretrato moderno.

E se mudarmos um pouco de região, como podemos deixar de lado a clássica pintura do espanhol Diego Velázquez, As meninas (1656), em que ele próprio aparece pintando a jovem infanta Margarida, com todo o seu séquito real? E como não ficar obcecado com a figura ao fundo, como que flagrada numa foto, ou no que parece ser o casal de pais em plano de fundo, no que vemos como uma espécie de espelho? Não é à toa que Velázquez também se dedicou à curiosa arte do autorretrato.



Mas de volta à Holanda, onde essa ideia vai ter seu desdobramento mais conhecido, com os cerca de cem autorretratos que Rembrandt pintou ao longo de toda a sua carreira, estudando seu rosto como Monet estudaria uma catedral séculos depois. Ele passou a vida obsessivamente debruçado sobre o surgimento das rugas, as mudanças de espírito, de humor e de disposição, em nada menores nem menos relevantes que as alterações de luz, de ambientação e de técnica.

No entanto, é possível argumentar que toda essa trajetória, das cavernas às *selfies*, englobando nada menos que toda a história da arte, tem sua melhor síntese no mito grego de Narciso, encantado com sua própria imagem refletida na superfície de um lago a ponto de se deixar minguar, murchar e morrer naquela contemplação.

É claro que nem tudo nessa nossa longa fixação pela nossa própria imagem é mero e puro narcisismo. Não é à toa que o retrato de van Eyck exiba orgulhosamente um excêntrico turbante, e que ele surja logo às vésperas de um período que veria nascer a nossa ideia moderna de indivíduo, de que

cada um de nós tem valor como singularidade, algo que não era nada óbvio para as visões de mundo da igreja ou do pré-capitalismo feudal e monárquico. E o mesmo vale para aquela conjunção quase caleidoscópica de Velázquez ou para as formas historicizadas dos autorretratos de Rembrandt.

A história do autorretrato como nós a conhecemos acompanha a história do surgimento da nossa noção moderna de EU. De que nós somos objetos dignos de conhecimento, de exploração e investigação.

Desemaranhar o que existe de futilidade (reconheçamos) mas também de potencial de descoberta nessa nossa versão atual da obsessão pelo eu, pelo rosto, pela representação da nossa imagem não é um trabalho que se possa fazer de maneira simples, linear, direta e que caiba na duração de um espetáculo convencional.

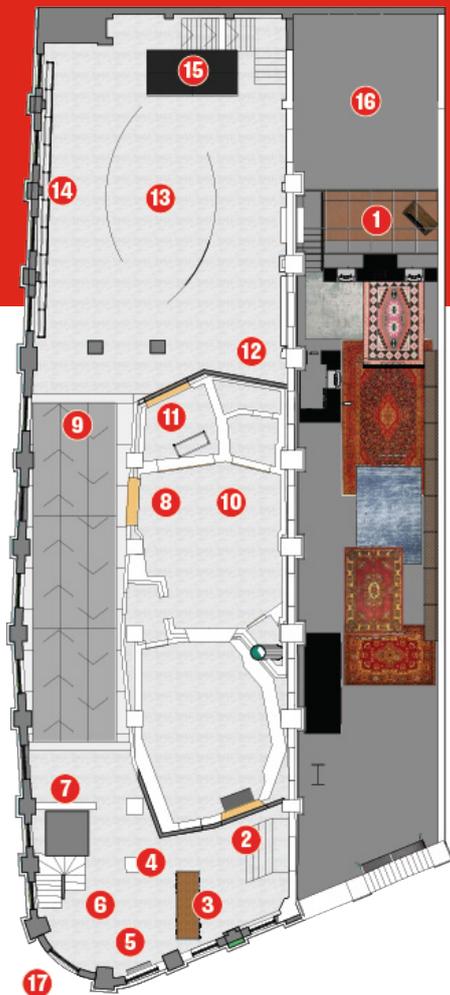
O que nós tentamos fazer no nosso AUTORRETRATO foi somar várias dessas linhas de pensamento, da mais remota antiguidade à mais contemporânea manifestação artística, e tentar gerar, a partir

delas, um ambiente fértil mesmo autocontraditório, surgido dos talentos, das inclinações e das perguntas de vários eus diferentes (indivíduos, personalidades, personas: artistas), que buscasse sondar, apontar e iluminar alguns dos caminhos que nos pareceram mais interessantes, mais produtivos e mais perturbadores também.

Como essa história da autoimagem não é uma linha única e simples, com um começo e um fim claros, mas antes parece uma montanha-russa de possibilidades, **AUTORRETRATO** é também um percurso que faz dos desvios, contornos, das subidas e descidas uma parte fundamental da experiência, que ao fim introjeta todo mundo como parte da casa, junto com os artistas.

Cada visitante, cada “espectador” (poucas vezes se teve mais consciência da inadequação dessa palavra) há de sair da nossa casa com uma visão e uma versão diferente da nossa história, da história do quanto ainda estamos aprofundando nosso fascínio pela nossa imagem, da história de como podemos perecer ou vencer quando confrontados com esse inimigo poderoso, nosso próprio rosto, refletido, elaborado ou construído por nós.





1. Olhando Narciso | Bar 1

Recebidos na entrada por uma figura que se anuncia como Emcee, somos apresentados aos dilemas da imagem, da autoimagem e da nossa fixação pela representação, sempre incompleta, do nosso eu.

Acima de tudo, ficamos conhecendo algo da história de Narciso, de seu fascínio e sua condenação.

2. Oráculo

Convidados a romper a lâmina d'água e investigar o lago de Narciso, somos recebidos, como seria de se esperar, por uma imagem. Ela nos interpela diretamente com uma simples pergunta.

3. Fotomatic

Em uma cabine automática de fotos nos vemos questionados ao percebermos que nem sempre a imagem que nos foi oferecida bate com a expectativa que poderíamos ter. Começa aqui nosso processo de dissolução no lago de Narciso.

4. “O” “R” “U”?

Depois dessas primeiras relativizações do nosso eu, vamos nos ver confundidos por fragmentos de vidas alheias. É o jogo mais poderoso da ficção, somos capazes

de nos vincular profundamente às imagens (retratos e narrativas) dos outros; e de lá tirar outras imagens para retomar nosso próprio autorretrato.

5. Tu - tão real. Eu - tão quimera

Outras pessoas (e outros processos) também podem nos ver de maneiras diferentes e por outros ângulos.

6. Analepse | Mezanino

Aqui sons reelaboram uma realidade, mostrando que mesmo o passado recente, o nosso acolhimento na casa, também começam a passar pelo lento e inexorável processo de dissolução.

7. Do mesmo lado do espelho outro

Uma jovem atriz está sentada em uma bancada de camarim. Um ator ensaia interpretar Ovídio.

A atriz, diante do espelho, observa o ator pelo reflexo com a mesma atração que Eco teve por Narciso.

Não é sua própria imagem que ela mira - o espelho serve de triangulação entre ela e o outro, que lhe parece mais atraente.

8. Narciso tenta ver a nuca

O que seria de Narciso se, em vez de seu belo rosto, ele

tivesse visto suas costas no lago?

9. Na lâmina

Narciso finalmente nos espera aqui. O ato de espiar Narciso diante de sua imagem na superfície é também ocupar por um instante o lugar de Eco.

10. Autorretrato

Uma música nos atrai para longe da fixação do lago, apenas para nos trair, pois a música pop que ouvimos é na verdade feita de reflexões sobre as ideias que a essa altura nos martelam incessantemente.

11. Red District

a) *Are you attracted to me?*

A aparente ideia do hedonismo total, do prazer à custa de um outro sem o custo do envolvimento pessoal, sentimental, representada aqui por uma *sex doll*, se vê estilhaçada pelo confronto da imagem mecânica com a persona de carne e osso de uma mulher. A semente da identificação e do encontro de imagens nas coisas do mundo nos faz, Narcisos incorrigíveis, encontrar rostos humanos mesmo em objetos inanimados; mas ela aqui germina em seu oposto, quando a máquina parece tomar conta da humanidade.

b) *Sweet dreams are made of this*

A mesma ideia do hedonismo total, representada aqui por uma dançarina, se vê estilhaçada pelo confronto da imagem de uma máscara grega com a persona de carne e osso de uma mulher.

c) Fisiculturismo

Esculpir um corpo vivo para criar uma estátua de nós mesmos manifesta e supera a fixação pela aparência. O eu esculpido é o excesso ou o avesso de Narciso?

12. Eco dub

Uma figura enigmática cruza os ambientes da casa levando os sons de um lugar ao outro. É o dub de Eco? É a verdadeira Eco, se a outra é interpretada por uma jovem atriz?

13. Screen tests

O dilema de Narciso em seu lago ganha outras proporções diante da onda avassaladora de imagens que nos cerca. E nos percebemos perdidos nesse oceano de outros eus.

14. Belezas são coisas acesas por dentro

Outros Narcisos olham para o espelho e refletem sobre suas lágrimas.

15. “Vocês não estão mais aqui” - Super Fish

O performer no centro do palco é ele próprio, fonte infinda de eus infinitos, capaz de nos fascinar com o nosso reflexo, mas também com a presença de outros personagens, partículas daquele mesmo lago. O gesto de nos convidar a usar uma máscara pode ser, num mesmo instante, o apagamento da própria identidade e a criação de uma identidade outra que, a depender do caso, pode colar à pessoa.

16. The clowns | Porão

Aqui se realiza formalmente a catábase, e nela a descida ao porão que é também bastidor e lugar da materialidade física e textual.

a) Sereia

O corpo dançando apontado para uma câmera nos mostra outros bastidores da vida moderna, já não mais teatro em sentido estrito, mas a performance generalizada das redes.

b) Rapsodos

Atores, isolados aqui, reforçam a ideia de despersonalização e construção de identidades temporárias, que serão apresentadas a uma plateia. A água do lago de Narciso do primeiro andar pesa e infiltra o porão.

17. Teatro | Rua

A palavra teatro deriva do grego *theomai* e não significa apenas ver, mas também contemplar, com toda sua intensidade e uma minuciosa visão que interpreta seu objeto. Estamos dentro ou fora do lago?

E quem são essas pessoas que parecem exatamente conceber o que estamos presenciando?

A conversa é um salto forte de metateatralização do progresso de criação. Aqui se aprofunda o porão e se inaugura a ascese até a dissolução das imagens no telhado.





MAPA 1º PAVIMENTO SUGESTÃO DE FLUXO



18. Eu é um outro

Seremos capazes de nos ver face a face? Quem são os outros que nos atravessam, literalmente, cada vez que pensamos construir nosso eu?

a) Prolepse

O sampleador de sons segue recortando uma realidade, mostrando o futuro próximo, o nosso caminhar pela casa. O processo de dissolução se intensifica. A atmosfera de memórias, resíduos e invenções toma o espaço.

b) Narciso acha feio, e eu acho legal

E há Narcisos que se provam capazes de esculpir suas personalidades à custa de encanto e sedução. O poder dessas figuras, que superam a mera imagem e transformam o mundo em seu espelho....

19. Só existo em terceira pessoa

A imbricação entre corpo e tecnologias, onde não se sabe identificar quem está subordinado a quem. Em um momento em que dispositivos estão se tornando parte anexa do corpo, vamos construindo nossa imagem pública, assim como os hiatos entre a reprodução da realidade e a realidade em si.

20. “Vocês não estão mais aqui” - Sir Face

Rostos novos surgem diante dos nossos olhos, e nem mais nos perguntamos quem são, se correspondem a nós ou mesmo à realidade.

21. Life story

Outras pessoas que, no entanto, não nos dizem necessariamente quem são. A vida dos afogados em uma cidade desde um pequeno quarto de hotel na estação central de trem em Amsterdam até São Paulo e suas marginais.

a) “Fale-me de você. Eu quero saber tudo de você”

Uma história de amor em um quarto de hotel. O voyeurismo aqui assume seu lugar de espelho.

b) Narciso chora um Tietê

Um último encontro com Narciso em um quarto de hotel numa cidade distante, aqui mesmo.

22. Not another love story

Uma coreografia sobre a dinâmica das personalidades nas relações. Simbioses.

23. Recortes 3x4

O lago se adensa. Alguém ainda lembra que num certo momento tiramos um retrato que saiu outro? Pois bem,

os retratos capturados estão aqui. Você vê?

24. De olhos fechados

Há quem diga que somos um eu, que este eu é o fio que une nossas lembranças e constrói nossa identidade. Há quem diga que somos mil eus, a cada dia novos, descontínuos.

25. Flor imersa

E o que poderíamos encontrar no fundo do lago de Narciso, se ele, menos que uma pessoa, desde o início, é mais um símbolo, mito, metáfora para nós e para o que não sabemos de nós?

26. Tela branca

Uma última espiada nas imagens e identidades compartilhadas. Rever-se como outro, como Narciso.

27. O psicopompo

Uma presença não necessariamente humana aparece como guia para a etapa final da experiência. Precisamos ir mais fundo para sermos capazes de entender o que fica por trás da imagem refletida na água.

28. Echo Disco

Um mergulho no lago de Narciso, em nós, nos outros, na ronda noturna por São Paulo ou Amsterdam, nas séries infinitas de autorretratos de seres que fomos e somos... mas o que nos espera depois disso?

29. Dissolução

A imagem de Narciso na lâmina d'água do lago não resistiu ao seu mergulho. Morre ele, e morre ela no choque dos dois movimentos. Estamos agora perdidos de nós mesmos, dissolvidos, curiosamente isolados e misturados. Gota de água no oceano e também oceano inteiro numa gota.

30. Farewell, tot zien

O que nos espera na saída? A mesma cidade? Saímos sendo os mesmos “eus”? O que emerge do lago para o telhado? A ascese final é precisamente o convite ao reconvívio com os outros, à troca da conversa e da reflexão da obra e de si.

31. Os nós de todo eu | Bar 2

A cidade envolve o público com sua dissonância sonora e com suas janelas, de onde vivem e por onde espiam.



EQUIPE



FELIPE HIRSCH



WADO GONÇALVES



FELIPE TASSARA



STELLA TENNENBAUM



MARISTELLA PINHEIRO



DIEGO OGNIBENI



JUUAR



CAETANO W. GALINDO



BETU BRUEL



GABRIEL MALO



ALEXANDRE HERCHCOVITCH



GUILHERME GONTIJO FLORES



MARIA BERALDO



DANIELA THOMAS



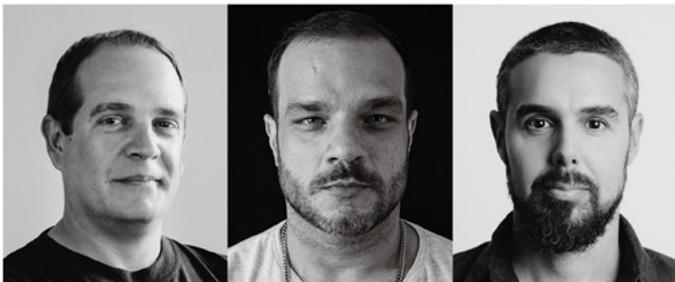
CELSO KAMURA



ABEL DUARTE



CAINÃ BOMILCAR



TOCKO MICHELAZZO

GABRIEL BOCUTTI

DEMÉTRIO PORTUGAL



ELENCO



Um elenco diverso em todos os sentidos, com pessoas vindas de todos os lugares, experiências e reflexões: artes plásticas, música, teatro, literatura, manifesto, humor, *avant-garde* e dança.



Despidos de máscaras sociais, eles poderão explorar todo o seu potencial artístico individual, apresentando para o público os seus próprios autorretratos - quem são e o que os tornam únicos.



AMANDRYA

BIA JESUS

ELI CARMO



ENOW

FLORA BARROS

ISA TOLEDO



KENJI OGAWA

LEANDRA ESPÍRITO SANTO

LUIZ BERTAZZO



MARCELA JACOBINA

MBÉ

NATÁLIA KARAM



PEDRO FASANARO

RENAN SOARES

RODRIGO MANCUSI



RUBI

THAINA MUNIZ

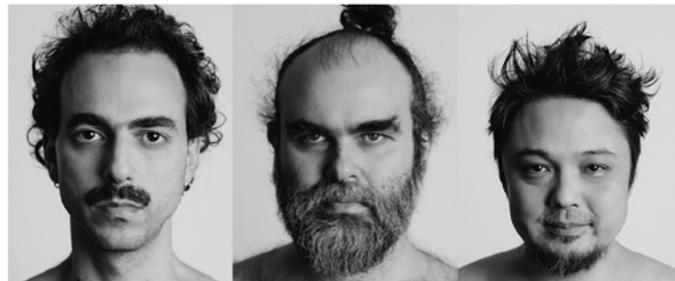
THALIN



TOMÁS GLEISER

ULTRA

VITOR HAMAMOTO



BIEL BASILE

CHICÃO

FÁBIO SÁ



JADSA



ELENCO MUSICAL



WANESSA DOURADO

LELLO BEZERRA

MARINA BASTOS

FICHA TÉCNICA

Direção Geral

Felipe Hirsch

Direção Criativa

Wado Gonçalves

Diego Ognibeni

Codireção

Juuar

Dramaturgia

Caetano W. Galindo

Felipe Hirsch

Guilherme Gontijo Flores

Juuar

Dramaturgista

Caetano W. Galindo

Guilherme Gontijo Flores

Direção Musical

Maria Beraldo

Cenografia

Daniela Thomas

Stella Tennenbaum

Maristella Pinheiro

Felipe Tassara

Iluminação

Beto Bruel

Direção de Movimento

Gabriel Malo

Figurino

Alexandre Herchcovitch

Visagismo

Celso Kamura

Paisagens Sonoras

Os Fita (Abel Duarte e Cainã Bomilcar)

Design de Som

Tocko Michelazzo

Gabriel Bocutti

Audiovisual e Tecnologia

Demétrio Portugal

Preparação Vocal

Yantó

Produção de Elenco

Alonso Zerbinato

Anna Luiza Paes de Almeida

Elenco

Amandyra

Bia Jesus

Eli Carmo

ENOW

Flora Barros

Isa Toledo

Kenji Ogawa

Leandra Espírito Santo

Luiz Bertazzo

Marcela Jacobina

Mbé

Natália Karam

Pedro Fasanaro

Renan Soares

Rodrigo Mancusi

RUBI

Thaina Muniz

Thalin

Tomás Gleiser

Ultra

Vitor Hamamoto

Músicos

Biel Basile (bateria e percussão)

Chicão (teclas)

Fábio Sá (baixos e synts)

Jadsa (guitarra e voz)

Lello Bezerra (guitarras, synts e organelle)

Marina Bastos (flautas)

Wanessa Dourado (violino)

Músicos Substitutos

Allen Alencar (guitarra, synts e sp404)

Charles Tixier (bateria e percussão)

Gabriel Milliet (flautas)

Marcelo Cabral (baixos e synts)

Maurício Orsolini (teclas)

Meno Del Picchia (baixos e synts)

Assistente de Direção

Sarah Rogieri

Assistente de Iluminação

Sarah Salgado

Assistente de Movimento

Ana Beatriz Trucharte

Assistente de Figurino

Matheus Pedrosa

Direção e Equipe Técnica

Ricardo Lopes - Fofa

Alexandre Sanches - Piraju

Adriano Araújo - Didi

Camareiras

Patrícia Campos

Nivea Jaess

Engenheiro de Som

Rafael Caetano

Operadores de Áudio

Eder Eduardo

Murilo Gil

Equipe de Audiovisual e Tecnologia

Gustavo Milward

Lígia Alonso

Contrarregras

Rafael Oliveira

Jonas Barreiro

Staff

Fernanda Carone

Tamine Krieger

Ladyane Vieira

Alexandre Lopes

Yuri Engelberg

Jose Carlos de Paula Junior

Bruna Borges

Beatriz Komori

Luciano Takano

Rafael Gouveia

Equipe Visagismo

Ju Coelho

Fotografia
Naná Curti
Pamela Alves

Máscara
Dante

Produção de Cenografia
Mauro Amorim

Execução Cenografia
Bluebird Cenografia
Live Cenografia

Tapetes
by Kamy

Mobiliário
100% Eventos

Fornecedor de Luz
LPL Professional Lighting

Fornecedor de Som
C-Pro Audio

Fornecedor de Vídeo
AG Video

Operação de Bares
Chopp Fast

Locação
Central 1926

Idealização e Execução
Agência Atenas

CEO
Denise Garrido

VP
Quércia Andrade

Direção de Operações
Miúcha Benetti

Diretor Financeiro
Felipe Glycerio

Direção de Atendimento
Bruna Reti

Gerente do Projeto e Conta
Bruno Cardamone

Direção de Produção
Marco Gouvêa

Head de Produção
Soraia Zilocchi

Produção Executiva
Gabriella Gouvêa

Coordenação de Cenografia
Carolina Brandão

Direção Artística e de Elenco
Gi Said

Produção de Elenco
Luiza Albino

Produção Artística
Maihana Cazuquel

Produção de Objetos
Paula Godoy

Assistente de Produção
Taís Santos

Direção de Planejamento
Roberta Rubini

Planejamento Estratégico
Marcelo Leonardos

Direção de Criação
Lu Mônaco

Gerente de Criação
Andressa Yamamoto

Direção de Arte
Thiago Sindeaux

Redação
Lucas Campello

Arte-final
Adilson Poá
José Aquino

Gerente de Comunicação e Marketing
Luiz Felipe Pedroso

Tráfego
Selma Nascimento

Também foram fundamentais na realização deste projeto
Rike Volpato, Lucas Vidigal, Érica Mendonza, Lara Basso, Ara Teles, Ana Guimarães, Álvaro Ramos, Allan Sales

Grupo HEINEKEN Brasil

Marketing
Nabil Nasser, Vanessa Brandão, Anna Luisa Dafico, Fernanda Leitão de Assis

Brand Experience
Guilherme Bailão, Melina Silva Couto Domingos, Thaís Gonzalez, Maiara Secco Gregorio

Brand PR
Adriana Teixeira, Mariana Romano, Felipe Cezar, Fabricio Sirena

Mídia
Juliana Magalhães, Luana Belchior, Fernanda Saboya

LAB

Marcas e Negócios
Mayara Nunes, Letícia Thenard, Guilherme Pereira, Marcos Richter, Henrique Dalmas

Planejamento
Alina Paloppi, Helena Corradini

Mídia
Beatriz Vignoto, Nata Franco, Ana Carolina Santos

Conteúdo
**Patricia Pinheiro, Nabil Carone,
Michelle Bastos, Indra Sestini**

Criação
**Sergio Mugnani, Luciana Elaiuy,
Mayara Ribeiro, Aile Pires, Fernando
Souza, Luiza Victorino, Vitor Freire**

Estratégia e Execução de Mídia Digital
**iProspect - a Dentsu Company
(HUB Heineken)**

Executive Business Director
Caroline Bassi

Strategy Media Director
Raphael Cunha

Media Manager
Gustavo Ono

Business Manager
Aline Licen

Business Supervisor
Mayta Barbosa

Media Supervisor
Marcelo Henrique Barbosa

Media Analyst
Mateus Barcelos, Amanda Camanho

Programmatic Media Manager
Tiago Holanda

Programmatic Media Supervisor
Alda Chávez

Programmatic Media Analyst
**Lucca Martins Gomes
Agência Lema**

Diretores
**Leandro Matulja, Letícia Zioni,
Guilherme Maia**

Atendimento
Victor Rulo, Wellington Candido

Imprensa
**Ana Claudia Luiz, Lucas Borba,
Fernando Bocardo**

Digital PR (Influencer Marketing)
**Gabriela Rossi, Gabriel Batystuta,
Teixom**

Criação
**Gabriela D'Avilla, Keyty Medeiros,
Marianna Marzullo**

Planejamento
**Felipe Vaitsman, Flávia Cassias,
Domitila de Paulo**

Produção
Magda Castagna, Barbara Castoldi

CRÉDITOS

ANALEPSE / PROLEPSE

samples: Analepse / Prolepse
realizador: Mbé

DO MESMO LADO DO ESPELHO OUTRO

texto: Metamorfoses, Livro 3
autor: Ovídio
tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves

NA LÂMINA

texto: Metamorfoses, Livro 3
autor: Ovídio
tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves

AUTORRETRATO

música: Auto Re
autor: Thalin
música incidental: Ado (Já fui)
autora: RUBI

RED DISTRICT - ARE YOU ATTRACTED TO ME?

texto: Mars
autora: Marcela Jacobina

BELEZAS SÃO COISAS ACESAS POR DENTRO

música: Lágrimas Negras
autores: Jorge Mautner, Nelson
Jacobina

“VOCÊS NÃO ESTÃO MAIS AQUI” / O PSICOPOMPO

performance: Super Fish / Metamorfose
concepção: Renan Soares

THE CLOWNS - OSICRAN

música: Osicran
autores: Tomás Gleiser, Ultra

EU É UM OUTRO - NARCISO ACHA FEIO E EU ACHO LEGAL

música: Baby I'm a Star
autor: Prince

SÓ EXISTO EM TERCEIRA PESSOA

obra: Só existo em terceira pessoa
autora: Leandra Espírito Santo

“VOCÊS NÃO ESTÃO MAIS AQUI”

obra: Sir Face
autor: Renan Soares

LIFE STORY - “ME FALE SOBRE VOCÊ. EU QUERO SABER TUDO DE VOCÊ”

texto: Life Story
autor: Tennessee Williams
tradução: Caetano W. Galindo

LIFE STORY - NARCISO CHORA UM TIETÊ

música: Chora um Rio (Cry Me a River)
autor: Arthur Hamilton - versão Arthur
Nestrovski





BEBA COM MODERAÇÃO

Proibida a entrada de menores de 18 anos